CRISE INTERNACIONAL

EUA e Rússia abrem janela de oportunidade

Intensa movimentação de peças no tabuleiro da diplomacia tenta impedir escalada militar na fronteira da Ucrânia com a Rússia: Putin ouve de ministro que "caminho do diálogo não se esgotou", enquanto Biden e Johnson admitem espaço para acordo

A tensão na fronteira da Rússia com a Ucrânia segue elevada, mas observadores internacionais apontam que há uma janela de oportunidade para a diplomacia, aberta com declarações dos líderes dos principais atores da crise. Na conversa entre o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, e o primeiro ministro inglês, Boris Johnson, ontem, por telefone, os dois deixaram claro que ainda há espaço para negociações com a Rússia.

"O primeiro-ministro e o presidente Biden se informaram mutuamente de suas recentes discussões com seus colegas dirigentes mundiais. Estiveram de acordo em que ainda resta uma oportunidade crucial para a diplomacia e para que a Rússia renuncie a suas ameaças contra a Ucrânia", disse o porta-voz de Boris Johnson, após a ligação telefônica.

Apesar das declarações, os Estados Unidos e seu principal aliado europeu mantêm o teor das ameaças de retaliação caso o presidente russo, Vladimir Putin, determine o avanço de tropas sobre a fronteira ucraniana.

Johnson e Biden reiteraram que uma invasão da Ucrânia "provocaria uma crise prolongada para a Rússia, com danos consideráveis tanto para a Rússia quanto para o (resto do) mundo". E destacaram que é preciso que os ocidentais "permaneçam unidos frente às ameaças russas, sobretudo impondo um conjunto importante de sanções se houver uma escalada na agressão russa" e que "os países europeus (devem) reduzir sua dependência do gás russo, uma medida que, mais do que nenhuma outra, afetaria o centro dos interesses estratégicos da Rússia".

No domingo, também por telefone, Biden e o presidente ucraniano, Volodimir Zelensky, "concordaram sobre a importância de continuar no caminho da diplomacia e da dissuasão".

Ontem, Zelensky recebeu o chanceler alemão, Olaf Scholz, para discutir a questão. Depois de três horas de reunião, Scholz declarou que a entrada da Ucrânia na Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) não está na agenda. "A questão da adesão à aliança não existe, é, de alguma forma, curioso que o governo russo esteja fazendo algo que praticamente não está na agenda como objeto de grandes problemas políticos." A possibilidade de ingresso da Ucrânia na Otan é um dos pontos que o governo Putin considera inegociável.

AFP



No Kremlin, o presidente da Rússia, Vladimir Putin (D), e o chanceler do país, Sergei Lavrov, conversam sobre a crise com a Ucrânia

> **O caminho do diálogo não se esgotou, mas também não pode durar indefinidamente"**
>
> ***Serguei Lavrov,*** *ministro da Defesa da Rússia*

> **(Biden e Johnson) Estiveram de acordo em que ainda resta uma oportunidade crucial para a diplomacia e para que a Rússia renuncie a suas ameaças contra a Ucrânia"**
>
> ***Nota do governo inglês***

Presidência da Ucrânia



O presidente da Ucrânia, Volodimir Zelensky (E), recebe chanceler alemão, Olaf Scholz, em Kiev

Aceno russo

Moscou assegura que não age com intenção bélica, mas condiciona uma desescalada da tensão a "garantias de segurança" como, por exemplo, o compromisso de que a Ucrânia não integrará a Otan.

Em dois encontros, divulgados pelas emissoras de TV russas, Putin tratou da crise com o chefe da diplomacia, Serguei Lavrov, e com o ministro da Defesa, Serguei Shoigu.

Lavrov considerou que "há uma possibilidade" de "resolver os problemas" e que o caminho do diálogo "não se esgotou, mas também não pode durar indefinidamente". E enfatizou que a Rússia está pronta para "ouvir contrapropostas sérias". Em outro sinal de desescalada, pouco depois, Serguei Shoigu afirmou na audiência com Putin que os exercícios militares promovidos pela Rússia ao lado de Belarus estavam "terminando". "Alguns exercícios estão sendo realizados, uma parte está concluída, outra está terminando. E outros ainda estão em andamento devido a sua magnitude", disse Shoigu.

Em outra frente diplomática, o embaixador russo na União Europeia (UE), Vladimir Chizhov, disse ao jornal britânico *The Guardian* que seu país "não vai invadir a Ucrânia, a menos que nos provoquem a fazê-lo". E deu exemplos de ações que não seriam toleradas: "Se os ucranianos lançarem um ataque contra a Rússia, não deveria surpreender se contra-atacarmos. Ou, se começarem a matar descaradamente cidadãos russos de qualquer lugar, em Donbass ou em qualquer outro local", citando à região do leste da Ucrânia onde separatistas pró-russos lutam há oito anos contra as forças do governo de Kiev.

G7 sobe o tom

Os ministros das Finanças do G7 (grupo que reúne os países mais ricos do mundo) estão dispostos a impor "em um prazo muito curto" sanções econômicas e financeiras "com consequências importantes e imediatas para a economia russa", em caso de agressão militar contra a Ucrânia.

"Nossa prioridade imediata é apoiar os esforços destinados a fazer a situação avançar", informaram os ministros de Reino Unido, Estados Unidos, França, Canadá, Alemanha, Itália e Japão em um comunicado. "Mas qualquer agressão militar da Rússia contra a Ucrânia merecerá uma resposta rápida e eficaz", garante o G7, presidido atualmente pela Alemanha.

Ontem, o chanceler alemão, Olaf Scholz, antes de embarcar para Kiev, pediu à Rússia "sinais imediatos de desescalada" na crise com a Ucrânia. Ele classificou a situação como "muito, muito grave". Na quarta-feira, Scholz irá a Moscou, se encontrar com o presidente Putin.

Nesse jogo de morde-assopra entre Rússia e países da Otan, o ministério da Defesa do Reino Unido informou que enviará um "pequeno número" de tropas para a Lituânia (país membro da Otan que não faz fronteira com Rússia e Ucrânia). "Em espírito de solidariedade, o Reino Unido enviará um pequeno número de militares para apoiar a Lituânia com inteligência, vigilância e reconhecimento. Essa implantação ajudará a reforçar a capacidade da Lituânia de lidar com pressões ao longo de sua fronteira com Belarus", disse o ministério no Twitter.

Estados Unidos decidem tirar embaixada da capital ucraniana

Diante da "dramática aceleração" de concentração de tropas russas na fronteira, os Estados Unidos decidiram transferir sua embaixada de Kiev para Lviv, no oeste do país. O anúncio foi feito pelo secretário de Estado, Antony Blinken, enquanto a sua assessoria informava aos jornalistas que a Casa Branca não vê "nenhum sinal concreto de desescalada" na fronteira Rússia-Ucrânia. "É uma clara possibilidade, talvez mais real do que nunca, que a Rússia decida prosseguir com uma ação militar", disse o porta-voz de Blinken, Ned Price.

No entanto, garantiu que os Estados Unidos acreditam que o caminho diplomático "continua viável" para superar a crise. "Acreditamos que ainda há uma janela para resolver isso por meio do diálogo e da diplomacia", disse.

"A embaixada continuará em contato com o governo ucraniano", mas "exortamos fortemente todos os cidadãos americanos ainda na Ucrânia a deixarem o pais imediatamente", disse Blinken em um comunicado.

O pessoal americano em Kiev já tinha sido reduzido e foram mantidos apenas funcionários diplomáticos e consulares essenciais. Uma reduzida presença consular foi instalada em Lviv, a 70 km da fronteira com a Polônia, para atender casos urgentes.

ONU fica

A ONU informou que não há planos para transferir a estrutura que mantém em Kiev. As Nações Unidas têm 1.661 funcionários na Ucrânia, sendo 1.441 cidadãos ucranianos e 220 estrangeiros. "Não há planos para a evacuação ou redistribuição de pessoal da ONU", disse o porta-voz da organização, Stéphane Dujarric, apesar de vários países terem pedido a seus cidadãos que deixem o país por medo de uma invasão russa.

O secretário-geral da ONU, António Guterres, disse que "é hora de desativar" a crise entre a Rússia e o Ocidente, respeitando a Carta das Nações Unidas. Em declaração à imprensa, ele pediu que se abandone "a retórica incendiária".

Guterres conversou, ontem, por telefone, com os ministros das Relações Exteriores de Rússia e Ucrânia. "Simplesmente não podemos aceitar sequer a possibilidade de um confronto tão desastroso", disse, ao destacar que "não há alternativa à diplomacia" e que "abandonar a diplomacia em benefício do confronto não é superar uma linha, é pular no abismo".

O Conselho de Segurança da ONU se reunirá na quinta-feira para tratar da crise na Ucrânia e da implementação dos acordos de Minsk alcançados em 2014 e 2015 para pacificar o leste do país.